

Discurso proferido pelo Deputado  
GERALDO RESENDE (PPSMS), em  
sessão no dia 01 / 02 /2006.

## **A MORTALIDADE INFANTIL NA POPULAÇÃO INDÍGENA**

Senhor Presidente,

Senhoras e Senhores Deputados,

Temos dedicado espaço significativo de nosso mandato à saúde pública, o que enseja inúmeras demandas, uma delas a mortalidade infantil nas aldeias indígenas.

Antes do trágico janeiro de 2005, quando perdemos dezenas de crianças, já alertávamos as autoridades para a catástrofe advinda como consequência da desnutrição.

A partir de então, uma série de medidas foram tomadas, urgentes, emergentes, imprescindíveis, mas todas tardias para salvar a vida de quase 40 crianças indígenas no momento de maior açoitamento da fome. Muitas das medidas, apesar de bem intencionadas, foram paliativas.

Temos nítida clareza, de que a desnutrição e a fome ainda martirizam nossos índios, tal como estampado nesta semana na imprensa local que trouxe fotos de indígenas buscando comida no lixão da cidade de Dourados.

Em que pese o esforço do Governo Federal, especialmente da nova direção da Fundação Nacional de Saúde, os índices de mortalidade infantil entre os indígenas ainda não voltou ao patamar de 2002, que já era elevado se comparado aos índices da população não indígena.

Entendemos que a reversão desse quadro é um processo paulatino, somente possível com a adoção de medidas estruturantes, ou seja, não adianta entregar cestas básicas, muitas vezes atreladas a votos.

A situação que já conhecíamos, evidenciou-se com o trabalho da Comissão Externa desta Casa, criada para a verificação “in loco” da morte de crianças indígenas por desnutrição em Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

Emergiu a incompetência e a má-fé vista, por exemplo, em publicidade com um cenário distinto da realidade das aldeias, como o caso do abastecimento de água, propagandeado como sendo de 100%, quando na verdade o que vimos foram torneiras secas e indígenas colhendo água contaminada em poças de chuva, desamparados graças à politicagem no loteamento de cargos da FUNASA, distribuídos entre meia dúzia de apadrinhados e complacentes.

É imperioso que os pólos do Distrito Sanitário Especial Indígena da FUNASA, sejam reorganizados, de forma a potencializar as ações e os investimentos vindos da força-tarefa criada a partir da comissão interministerial que atuou nas aldeias do Mato Grosso do Sul após a repercussão da trágica seqüência de óbitos de crianças por desnutrição.

Creio que podemos esperar da atual direção da FUNASA, o fomento da vigilância nutricional, a ampliação das equipes do Programa Saúde Familiar Indígena (PSFI), o apoio constante a unidades de atenção específica dos casos de desnutrição, como o Centrinho da Missão Cuiá, ações imprescindíveis uma vez que a própria FUNASA constata que: de 8.352 crianças indígenas examinadas em 2005, 1.035 tinham desnutrição severa e 1.256 desnutrição moderada, portanto, 27% das crianças apresentaram déficit nutricional. Percentualmente é uma estagnação com relação a 2004. Não se olvide que em 2005 tivemos força-tarefa, intervenção federal, acréscimo de investimento, Programa Fome Zero Indígena e tantas outras medidas que deveriam reduzir drasticamente a desnutrição, e o que vimos? Estagnação.

Em 2005, 99 crianças indígenas morreram em Mato Grosso do Sul antes de completar um ano de vida. Segundo matéria do Correio do Estado, a mortalidade infantil entre nossos indígenas é comparável ao Iraque em guerra

(102), e a países devastados por lutas tribais e doenças, como Moçambique (112), Ruanda (118), Etiópia (112) e Zâmbia (102).

No município de Iguatemi foram 103,45 mortes por mil nascidos vivos, em Amambaí 66,10; em Miranda 47,95. Parece muito? Então vejam: na população urbana de Campo Grande, a mortalidade infantil é de 12 por mil.

Como se não bastasse, nos aflige hoje a disputa pela coordenação regional da FUNASA em Mato Grosso do Sul, entre o PMDB e o PT, cujo único resultado é uma anencefalia que ameaça o trabalho desenvolvido após a intervenção federal, que deve continuar e se expandir, sob a compreensão de que a mortalidade infantil não se restringe à Reserva Indígena de Dourados, apesar de lá mais severa. Fome, desnutrição e a alta mortalidade infantil entre indígenas são comuns a Terenas, Caiás, Guaranis, kadiwéu, enfim, a seres humanos, a irmãos sulmatogrossenses.

A realidade cruel dos indígenas, asseverada por visões míopes, faz manter acesa a chama da indignação que ilumina nosso caminho em busca de uma vida mais digna para todos, sem distinção.

Gratos pela atenção.

Deputado GERALDO RESENDE  
PPS/MS